



VIOÊNCIA CONTRA A MULHER NA FICÇÃO DE MARIA JOSÉ SILVEIRA¹

VIOLENCE AGAINST WOMAN IN THE FICTION OF MARIA JOSÉ SILVEIRA

Elane da Silva Plácido²
Roniê Rodrigues da Silva³

Resumo: Este artigo traz algumas reflexões sobre os temas submissão, silenciamento e a violência contra a mulher: física, sexual e psicológica e feminicídio a partir da leitura analítica de duas personagens do romance *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas*, (2002), de Maria José Silveira. Pretendemos mostrar como as personagens aparecem submissas aos homens e sofrem diversos tipos de silenciamentos. Para o desenvolvimento desta análise, tem-se como base as considerações de Heleieth Saffioti (2015), acerca da violência em mulheres e dos apontamentos de John Stuart Mill, (2006), sobre a relação do casamento como forma de submissão feminina. Desse modo, observa-se uma postura literária de questionamento da violência contra a mulher em um contexto patriarcal.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Violência. Personagens femininas. Submissão.

Abstract: This article brings some reflections on the themes of submission, silencing and violence against women: physical, sexual and psychological and femicide from the analytical reading of two characters from the novel *The mother of his mother and his daughters*, (2002), by Maria José Silveira. We intend to show how the characters appear submissive to men and suffer different types of silences. For the development of this analysis, it is based on the considerations of Heleieth Saffioti (2015), about violence in women and the notes of John Stuart Mill, (2006), on the relationship of marriage as a form of female submission. Thus, there is a literary stance of questioning violence against women in a patriarchal context.

Keywords: Brazilian literature. Violence. Female characters. Submission.

Introdução

A Mãe da Mãe da sua Mãe e suas Filhas de Maria José Silveira, publicado em 2002 é uma narrativa que constrói visões críticas da realidade

¹ Artigo recebido em 28/08/2019 e aceito para publicação em 20/12/2019.

² Mestre em Letras pela UERN em 2018. Professora Substituta de Literatura Brasileira da UEMA. E-mail: helayne11@hotmail.com [Orcid.org/0000-0001-9414-4862](https://orcid.org/0000-0001-9414-4862)

³ Professor do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN. Pós-doutorado (PNPD/CAPES) no Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB). E-mail: rodrigopinon2014@gmail.com. [Orcid.org/0000-0002-2738-7087](https://orcid.org/0000-0002-2738-7087)

de algumas personagens femininas que são silenciadas por não terem vez e nem voz no meio em que vivem. Destacam-se neste romance personagens em situações de submissão e silenciamento por não terem condições de se libertarem da situação em que vivem.

O romance da escritora Maria José Silveira desenvolve-se a partir da história de uma série de mulheres de uma mesma família. Nesse enredo, caracterizam-se vários aspectos de identidades observados através das múltiplas representações femininas protagonizadas por vinte personagens. A obra revela traços representativos do caráter e da condição da mulher através dos tempos, passeando pelo contexto histórico do Brasil, que vai desde seu achamento em 1500, quando se narra a história da índia tupiniquim Inaiá até os tempos contemporâneos com a narrativa da estilista Maria Flor, compondo uma árvore genealógica familiar formada por mulheres, a qual remete ao próprio título da obra, referindo-se a uma linhagem do feminino: mãe, avó e filhas, revelando um protagonismo do sujeito mulher.

A deambulação dessas mulheres inicia com o povoamento do litoral, ainda no contexto do Brasil colônia, passa pelo período de construção de Brasília e vai até o ano de 2001. Durante toda a história, todas as personagens femininas migram pelos estados da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás e Brasília. De uma maneira mais específica, esse nomadismo é motivado pela necessidade de se buscar novas possibilidades de vida, por questões de violência contra a mulher e a família, pelo fato de algumas delas casarem e serem obrigadas a seguir seus maridos, e inclusive pelo fato de algumas personagens índias serem levadas para trabalhar em outros estados do Nordeste como escravas.

Em relação à estrutura, essa obra é dividida em cinco episódios, intitulados “Brevíssimo encanto”, ‘Desolada amplidão’, ‘Esplendor improvável’, ‘Viciosa modernidade’ e ‘Signo do lucro’, em que aparece representado o enredo de forma cronológica, indicando, desta forma, a ordem dos acontecimentos. É importante destacar que cada título representa e tem sua relação com todas as personagens femininas do romance, que aparecem como as protagonistas da trama narrativa, representando parte da história das mulheres brasileiras que, no contexto social, migram de um território a outro em busca de meios materiais para as suas existências.

Valorizando as peculiaridades dessa obra, apresentamos um estudo de como se constituem as identificações identitárias e as

desconstruções das personagens Ana de Pádua e Clara Joaquina, dialogando com os estudos de gênero, mulher subalterna, identidade e violência a partir dos aportes teóricos de Elódia Xavier, Heleieth Saffioti e Gayatri Spivak. No âmbito da crítica literária, destacamos referências culturais a partir da questão do Outro.

Assim, pretendemos destacar o quanto as personagens dessa obra se mostram mulheres subversivas, que saem da identificação estigmatizada através de uma conduta transgressora, ultrapassando as imposições tradicionais da sociedade, mesmo quando são classificadas como loucas. Particularmente, esse romance problematiza a identidade de gênero produzida pelo modelo patriarcal, o qual esteve submetido a mulher ao longo dos tempos.

A escritora Maria José Rios Peixoto da Silveira Lindoso, conhecida como Maria José Silveira, nasceu em Jaraguá cidade do estado de Goiás no dia 6 de janeiro de 1947. É romancista, tradutora, editora, ensaísta e pesquisadora com presença atuante no meio cultural brasileiro. Tem Graduação em Comunicação pela Universidade de Brasília, e Antropologia, pela Universidade Nacional Mayor de San Marcos, em Lima-Peru. Antes de ingressar no universo da literatura e assumir a função de escritora, fez Mestrado em Ciências Políticas pela USP (Universidade de São Paulo), e fundou em 1980, com Felipe Lindoso e o escritor Márcio Souza, a Editora Marco Zero, da qual foi diretora até 1998. Essa experiência no ramo editorial lhe possibilitou atuar nos anos de 2000 e 2001 como editora para a Cosac & Naify. Durante esse período torna-se tradutora de livros importantes como: *A Cor Púrpura*, de Alice Walker; *A Noiva Ladra* e *Vulgo*, entre outros.

Silveira recebeu o prêmio APCA Revelação por seu romance de estreia, *A Mãe da Mãe da sua Mãe e suas Filhas* (2002); além do seu romance de estreia escreveu o romance *Eleanor Marx, Filha de Karl* (2002); *Com esse ódio e esse amor* (2010); *Felizes Poucos* (2016), entre outros livros que correspondem a literatura infantil, peças de teatro, crônicas e contos. Através da leitura de seus romances, podemos desenvolver uma discussão importante sobre identidade, memória e história. A memória em suas narrativas é desenvolvida através de uma reatualização de acontecimentos do passado, mas pensada a partir de relações com o presente, enquanto a identidade é representada por personagens em permanente construção.

Violência e estudos de gênero

Os estudos sobre gênero, patriarcado, poder e violência abordados por Heleieth Saffioti (2015) que ajudam a identificar e entender como é a relação de dominação, exploração e violência que muitas mulheres sofrem, discutindo essas questões como problemas sociais e que estão cada vez mais inseridos nos estudos de gênero e os apontamentos do filósofo Stuart Mill (2006) que defendia no seu livro *a sujeição das mulheres*, a emancipação e direito de igualdade dentre diversas limitações que as mulheres eram sujeitas, além disso, destaca reflexões sobre a sujeição da mulher no casamento e o autoritarismo extremo do sujeito masculino diante da mulher vista como objeto e vítima de violência. Além desses já citados, destacaremos outros teóricos que discutem o porquê das mulheres vivenciam situações de submissão, silenciamento e violência.

A partir desses aportes teóricos abordaremos os aspectos que retratam a questão da raiz patriarcal e a identificação cultural dentro do contexto histórico, político e também social. Esses aspectos estéticos que trabalham na literatura a violência de gênero, colocam a mulher no cenário sem representação. Partindo dessas questões, este artigo apresenta duas divisões: a primeira refere-se à violência física e psicológica sofrida pela personagem Ana de Pádua que em meio a todo sofrimento, silencia-se como forma de resistir as violências que suportava, demonstrando-se resiliente diante dos problemas e crises de ciúmes do marido no casamento ao reagir à pressão das situações de violência física que sofreu, através desta narrativa observa-se atitudes abusivas do sujeito masculino que caracteriza aspectos hegemônicos e exploração do corpo feminino traçado como posse do masculino.

Tal prática está atrelada às normas sociais simbólicas que primam pela valorização da força e da virilidade masculina como marcas da normatização do corpo do homem. No espaço doméstico, a ideia de posse do corpo da mulher e a agressividade masculina dão o ritmo das agressões que, em muitos casos, provocam lesões fatais que podem chegar ao feminicídio (GOMES, 2019, p. 149).

Na segunda divisão retratamos a violência sexual e suas consequências na vida da personagem Clara Joaquina, através desta mulher observa-se novamente a violência sofrida no contexto do lar e do casamento, a violência doméstica é caracterizada como forma do homem se impor como ser supremo da relação, desta forma a personagem

submissa passa a sofrer violência sexual para que possa gerar filhos ao marido. A forma que a personagem encontra para sair de toda essa situação é a traição, pois manchar a honra do marido seria uma forma de libertação.

Diante desse contexto “a mulher é vítima de um sistema de silenciamento que ora considera a violência sexual como parte das normas privadas de um casamento, ora como consequência dos comportamentos vulneráveis da mulher. Por meio desses juízos, que privilegiam o agressor, identificamos normas hegemônicas de desigualdade de gênero” (GOMES, 2018, p.78).

Por conta da submissão, as personagens que serão abordadas neste trabalho, Ana de Pádua e Clara Joaquina vivem no âmbito de uma relação em que o homem demonstra superioridade em relação a mulher, essa questão envolve isolamento feminino através de uma hierarquia que ultrapassa gerações.

Essa condição da mulher vista através das personagens femininas vem do patriarcalismo e principalmente de questões sociais como a desigualdade em relação a poderes exercidos entre homens e mulheres, desta maneira, as personagens refletem o que muitas mulheres passam hoje em suas casas, sendo obedientes ao marido, não possuindo direito de expressão e sofrendo vários tipos de violência. É nessa condição de submissas que as mulheres são silenciadas, deste modo, por não terem autonomia aparecerem como aquelas mulheres que obedecem a normas dos padrões culturais impostos a mulher. De acordo com Spivak “o espaço dialógico de interação não se concretiza jamais para o sujeito subalterno, que desinvestido de qualquer forma de agenciamento, de ato, não pode falar” (2010, p.13).

Como as personagens vivem em condições de submissão, elas em seus espaços não possuem direito a fala, esses questionamentos se o subalterno pode de fato falar ou não é baseado através de críticas que envolvem a autonomia do sujeito masculino que coloca a mulher em uma posição inferior, excluída de qualquer direito e da possibilidade de dialogarem no meio social. Assim as estruturas de poder e opressão continuam sendo reproduzidas pelo sujeito masculino pois “a mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2010, p.15).

De acordo com a História, o sujeito mulher durante muito tempo foi submissa e silenciada. Deixada à margem, sem direito a fala, mesmo tendo seu lugar de fala, essa condição que lhe foi imposta, lembra a

identidade do feminino no século XIX, desenvolvida em um contexto no qual predomina o pensamento do masculino. Dessa forma, a História da nação brasileira contada a partir das histórias de mulheres que também ajudaram na construção do Brasil conquista seu espaço e deixa emergir a voz dos que estão à margem.

A professora e pesquisadora Doris Sommer observa numa de suas falas a relação entre literatura e história, acrescentando que “Quando a história de um país não existe, exceto em documentos incompletos e dispersos, em tradições vagas que devem ser reunidas e avaliadas, o método narrativo é obrigatório” (2004, p. 23).

No caso do romance de Silveira, essa associação entre Literatura e História parece emergir de uma necessidade de dar voz ao sujeito mulher, tradicionalmente representada como objeto. Desta forma, a autora destaca o papel das mulheres no processo de formação nacional, descentralizando a visão do homem como centro da história, para em seu lugar privilegiar personagens que viveram à margem da sociedade, como se suas histórias não existissem ou não tivessem importância. Além do que já observara Sommer (2004), é importante destacar que a relação entre a História e a ficção sempre esteve presente no processo de formação da Literatura, sendo possível, inclusive, falar em romance histórico, narrativas de extração histórica ou, mais recentemente, em metaficção historiográfica.

No contexto da obra literária em análise, essa associação se torna clara quando a autora insere no enredo os principais acontecimentos históricos do Brasil. Dessa forma, as personagens femininas situam-se dentro de um contexto de formação nacional, assumindo identificações que são influenciadas de acordo com as mudanças do tempo. Consoante observamos pela leitura do romance, História e Literatura não se opõem, elas se relacionam entre si a partir dos fatos e acontecimentos históricos recriando um novo contexto. Nesse sentido, mesmo que a Literatura não represente de uma forma fiel o passado, como pretende a História, ela fornece informações de grande relevância sobre a época tratada e, no caso específico do romance de Silveira, sobre o papel da mulher no contexto de formação da nação brasileira.

Nesse contexto, o que se observa é um perfil de mulher que exercia funções de dona do lar e submissa ao marido. Stuart Mill destaca que: “todas as mulheres são criadas, desde muito cedo, na crença de que seu caráter ideal é o oposto do caráter masculino: sem vontade própria e governadas pelo autocontrole, com submissão e permitindo serem controladas por outros” (MILL, 2006, p. 31). O destino apontado pelo

teórico as mulheres é o casamento que para ele é a concretização da submissão, observamos na citação de Mill (2006), uma crítica ao patriarcalismo como um modelo de poder, em que a condição da mulher foi marcada pela falta de direito, acarretando assim em submissão.

Esse aspecto histórico infelizmente ainda perdura atualmente, quando observamos ações do patriarcalismo na vida de algumas mulheres, pois mesmo que ela tente buscar seu espaço, reivindicar seus direitos e uma maior participação na sociedade em que vive, a maldade e imprudência de alguns homens ainda ocorrem até os dias atuais. Esse fato pode ser comprovado por pesquisas em que o índice de feminicídio é alto.

No contexto atual, a mulher continua sendo maltratada em todos os âmbitos, seja ele domiciliar ou não, tendo a sua integridade violada por meio da violência física, psicológica e sexual. A violência contra a mulher cresce de maneira constante em nosso dia a dia e muitas vezes passa a ser comum porque as políticas públicas de proteção ao sujeito feminino são falhas, embora tenham evoluído com a lei Maria da Penha. De acordo com Saffioti:

[...] não se oferecem às mulheres os serviços de apoio de que elas necessitam, nem se implementam políticas de empoderamento desta parcela da população. E sem isto a lei é não apenas injusta para com as vítimas de violência doméstica, como também altamente ineficaz mesmo em seus aspectos positivos (2015, p. 99).

É necessário que se encontrem novas perspectivas de apoio as mulheres e apontem uma representação significativa da mulher como um sujeito responsável pela construção de sua própria identidade e envolvida nos processos de representação social. Embora a violência seja uma questão cultural, a literatura e a crítica literária não têm ficado à parte dessa discussão.

A partir da segunda metade do século XX, observa-se uma discussão sobre a atuação da mulher na literatura, sua importância e representação. Assim, com a explosão do movimento feminista na década de 60, as mulheres reivindicam seus direitos de igualdade, o direito ao voto, a de sua emancipação, e a literatura tem acompanhado essas novas subjetivações, fazendo a representação delas, enquanto a crítica realiza o debate em torno da identificação de um sujeito até então excluído. De acordo com Lobo:

A literatura de mulheres passou, cada vez mais, no século XX, a expressar uma nova voz impossível de ignorar na tradição literária – exatamente porque representa uma visão “marginal”, excluída. Esta coloca em cheque a cultura como se desenvolveu no passado, e apresenta novas perspectivas no que tange a gênero, enunciação e enredo (2007, p.17).

Portanto, é nesses aspectos que a literatura de mulheres trabalha, apresentando novas maneiras de desenvolver a obra, dando vozes aos marginalizados como destaca Elódia Xavier quando aborda que os primeiros textos de autoria feminina no Brasil com o passar do tempo foram ganhando espaço e voz na literatura.

“A narrativa de autoria feminina, da década de 90 para cá, vem apresentando protagonistas mulheres que passam a ser sujeitos da própria história, conduzindo suas vidas conforme valores redescobertos através de um processo de autoconhecimento” (XAVIER, 2007, p.169). A escritora acredita que a ficção feminina brasileira está preocupada em criticar o patriarcado e busca dentro desta literatura a ascensão da mulher.

No próximo tópico, passaremos ao estudo do romance de Maria José Silveira, é possível observar essas características quando a escritora através do jogo entre passado e presente consegue tratar das múltiplas representações de mulheres que vão mudando através do tempo histórico na obra. Esse debate acerca das temáticas que é desenvolvido no livro, ajuda-nos a pensar os assuntos abordados, entre eles o da violência contra a mulher que será apresentado na sequência.

A resiliência de Ana de Pádua

O romance *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* tem sua importância dentro da obra geral da autora por estabelecer um diálogo a fim de mostrar aos leitores o universo feminino destacado em cena através das mulheres subjugadas a relações de poder ou violência. Nessa obra, Silveira representa, através da escrita, a construção de fatos que foram muitas vezes encobertos na história da literatura feminina, como aspectos referentes à violência ou às mulheres que foram segregadas como loucas por relações de poder. No caso das personagens do romance em estudo, o imaginário da escritora, ao trabalhar com a história de miscigenação, desenvolve uma linhagem de mulheres que nos permite ter diversas interpretações sobre a sociedade brasileira e nos faz contemplar o poder da criação.

Nesse contexto, entre as personagens femininas que experienciam a violência doméstica, refletindo acerca de uma construção identitária do sujeito mulher segundo esse estigma temos a personagem Ana de Pádua, ela viveu na época da descoberta do ouro no Brasil em Minas Gerais e aos quinze anos de idade, com o consentimento do pai, casa-se com Baltazar, um português experiente e mais velho. De acordo com Beauvoir “o destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser” (2009, p.165).

Era de costume nessa época a mulher se casar com dote cumprindo o destino colocado a todas as moças de família. O casamento sem amor, era visto como uma questão natural, inserida na vida das mulheres como regra, essa ideologia era uma visão que perdurou por um bom tempo e com as mudanças históricas essa prática acaba entrando em declínio.

De acordo com a narrativa, no princípio do relacionamento: “o marido, no começo, a tratava com alguma delicadeza e sem exigências descabidas” (SILVEIRA, 2002, p.134). O leitor através da sua leitura atenta aos fatos narrados, observa que, o narrador mostra um personagem, no caso o marido, no início do relacionamento como um homem cavalheiro, educado, sem nenhum sinal que representa uma instabilidade emocional. Com o passar dos dias e com a movimentação na zona de mineração, “Baltazar começou a sofrer da fatal doença do ciúme” (SILVEIRA, 2002, p.134-135).

Cabe destacar que o ciúme não justifica o maltrato do marido com Ana de Pádua. A fim de entendermos os reais motivos a respeito do contexto em que a violência contra a mulher irrompe, através da narrativa observamos o que acontece com Ana de Pádua, depois de uma gravidez mal sucedida, por conta de o filho nascer morto, o humor de Baltazar só faz piorar: “Começaram as proibições: a mulher não podia ir à estalagem nas horas de movimento; não podia sair de casa a não ser com o marido; e quando saísse, tinha que se cobrir com um longo xale preto que envolvia o corpo da cabeça aos pés” (SILVEIRA, 2002, p.135). O ciúme do marido passa, então, a ser constante na vida de Ana de Pádua, que começa a ser vítima de várias proibições.

Doravante, ela não pode sair sozinha e é obrigada a se vestir da cabeça aos pés como observado na citação acima. A personagem passa a sofrer uma espécie de violência psicológica por parte do marido,

semelhante àquela observada por Casique e Furegato (2006) e que é representada por toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa, incluindo ameaças, humilhações, chantagens, discriminação, exploração, intimidação, impedindo o contato com amigos e familiares e dentre outros.

Mas, pelo fato de Ana de Pádua ter uma personalidade forte acaba se sobressaindo muito bem dessa violência sofrida, não se deixando abater e nem dominar por isso. A cada violência sofrida, a personagem reage à agressividade do marido de forma que não se mostra a ele como uma pessoa triste, mas como alguém que possui uma consciência resiliente. Nesse sentido, Saffioti destaca que “a resiliência constitui fenômeno muito raro. São resilientes pessoas capazes de viver terríveis dramas, sem, contudo, apresentarem um só indício de traumas, sendo, portanto, consideradas, por meio da aplicação de testes e da observação de sua conduta, absolutamente normais” (2015, p.19).

Ana de Pádua, por ser uma pessoa que não se abala, consegue reverter o drama da violência sofrida. Dessa maneira, dentro de um contexto de violência e perversão, podemos identificar uma identidade forte que não se deixa traumatizar, mas ao mesmo tempo uma mulher submissa, que obedece ao marido somente por estar dentro de um matrimônio e por não ter como pedir ajuda a ninguém. Essa situação acaba por prolongar e acentuar o seu martírio: “Mas Ana era jovem, alegre, extrovertida, e Baltazar achou que as proibições não bastavam. Partiu para a agressão física. Dava-lhe grandes surras de cinturão de couro que deixavam suas costas vermelhas e inchadas” (SILVEIRA, 2002, p.135).

As agressões físicas contra a personagem podem ser explicadas conforme a ordem patriarcal de gênero confere o poder aos homens de dominar as mulheres. São vários os motivos da permanência de mulheres a uma situação de violência, entre eles estão: a sujeição por ameaça do agressor, ameaça aos filhos e a ela própria e a dependência financeira, visto que muitas não têm condições de conseguir trabalho e se sustentar. Com Ana de Pádua não é diferente. Por encontrar-se em condições de submissão, ela aguenta todas as ameaças do marido calada por medo de morrer.

Em suas pesquisas, Saffioti (1999) destaca que ainda há no imaginário da mulher a possibilidade de o marido mudar, contudo isso não acontece, as agressões muitas vezes ocorrem sem motivo algum, como observamos na citação:

Ana estava parada ante os rumos inesperados de sua vida quando os acontecimentos se precipitaram ainda mais. Naquela noite, Baltazar, bêbado e sem motivo aparente, tirou o corrião de couro e lhe disse: “Hoje você vai mais é conhecer o lado da fivela, para ver se aquieta um pouco que seja esse seu facho”, e a surrou como nunca, como se adivinhasse que nunca a surraria mais (SILVEIRA, 2002, p.140).

Observamos que a personagem Ana apanha sem motivo algum, como acontece com uma série de outras mulheres. Isso ocorre porque “o homem bate na mulher independentemente do que ela possa ter feito para ele ficar insatisfeito com qualquer coisa” (CORRÊA, 2000, p.122).

A violência doméstica sofrida por Ana de Pádua destaca as funções sociais impostos a homens e mulheres, geralmente reforçados por culturas patriarcais, que estabelecem relações de violência entre os gêneros. Observa-se uma mulher que apesar de ser resiliente ao sofrimento vivido, ela não se entrega diante dos fatos que a assolam, isso permite identificar uma identidade transgressora, que consegue depois de tudo que sofreu, superar a violência física e psicológica exercida pelo marido.

Em situações de violência observadas pela personagem Ana, a mulher não tem direito, sofre preconceito, é silenciada e acima de tudo submissa ao marido, além disso, ela esconde sua realidade por ter medo de morrer o que é um dos grandes problemas atuais, a mulher não denuncia o marido das agressões sofridas por medo. Contudo, o que observamos hoje é uma manifestação que impulsiona o sujeito feminino a denunciar as agressões sofridas, somente desta forma as mulheres poderão ter a sua insubmissão e liberdade.

Consequências da violência para Clara Joaquina

Dando continuidade à análise sobre as duas personagens, observamos nesse tópico a violência desenvolvida de outra forma. Com a segunda personagem, o casamento também acontece através de dote, a diferença entre as duas personagens é que esta queria muito casar, porém viveu a ilusão de que através do casamento moraria na capital e teria uma outra vida, como observamos na citação: “Diogo Ambrósio foi aceito pela noiva porque ela pensava com isso se tornar mais rica e prestigiada e

realizar seu desejo de mudar para a cidade mais importante da colônia” (SILVEIRA, 2002, p.155).

Por outro lado, da parte de Diogo, o matrimônio também aparece como uma relação de interesses: “o casamento com moça herdeira de boas lavras lhe pareceu mais um excelente negócio, um negócio que acrescentaria barras de ouro fino e mais prestígio ao muito que já tinha” (SILVEIRA, 2002, p.161). Como observado nessas citações, o casamento se constitui, então, como um jogo de interesses de ambas as partes. Pela leitura do romance, o contexto histórico em que a história de Clara Joaquina se desenvolve é aquele relativo aos anos de 1711 a 1740, na região das minas, é através desse território que o leitor conhece Clara como tendo sido uma menina mimada, delicada, muito sensível, chata e insuportável.

Com o tempo, as ações e decepção com o marido fizeram com que Clara Joaquina alimentasse sentimentos negativos por acabar não se acostumando com a vida de casada. Com isso, “Diogo ficava cada vez mais irritado com o que considerava a “moleza da pamonha” que tomara como esposa” (SILVEIRA, 2002, p.164). Ao perceber o jeito difícil de Clara Joaquina, o machismo do homem passa a aflorar, pensa que para alguma coisa ela deve servir. Dessa forma, observamos que a mulher passa a ser um objeto de seu marido, servindo somente para saciar os seus desejos é a partir desse momento em que a personagem começa a sofrer violência sexual como podemos observar através dessa assertiva:

Diogo, quando lhe ocorria alguma vontade, puxava Clara Joaquina de qualquer jeito, empurrava-a contra a parede, levantava o mínimo possível suas saias e, sem o menor interesse em ver uma brecha que fosse de seu corpo, empurrava alguma coisa dentro dela e resfolegava e resfolegava e pronto. Tudo acabava quase imediatamente, e ele, sem sequer pensar em dirigir os olhos para o lado dela, endireitava de novo as calças, puxava a camisa e saía do quarto, deixando-a lá, de saias um pouquinho só amarfanhadas, encostada na parede (SILVEIRA, 2002, p.165).

Consoante observamos na citação, é de forma agressiva que Diogo Ambrósio toma posse do corpo de Clara Joaquina, como se fosse uma obrigação dela satisfazer os desejos dele. Esse tipo de opressão acaba sendo representado no romance de Silveira por meio da história da personagem Clara, que passa a ser abusada sexualmente pelo marido, sendo vítima constante de estupro. Todavia o que se observa é que essa

violência no âmbito do casamento parece ser legitimada, visto que o marido, numa sociedade patriarcal, tem o direito de ter relação sexual com a mulher sem considerar a vontade da esposa.

Nesse sentido, é que Saffioti lembra que “o sexo ainda prevalece no casamento como dever conjugal, ou seja, a mulher casada constitui propriedade do homem, devendo estar disponível para a relação sexual com seu parceiro quando ele o desejar” (1994, p.151). Além da personagem sofrer violência sexual, observa-se durante a narrativa aspectos que mostram como ela vivia, assim, no caso específico de Clara, é possível perceber que a personagem, apesar de ser abastada financeiramente, tendo bens materiais ao seu dispor, vivia em plena angústia, pois seu desejo era ter uma vida de luxo, não onde residia, mas no Rio de Janeiro.

O que se percebe é que a personagem além de viver na angústia, é frustrada pois o que pretendia realizar não deu certo, com isso o leitor passa a observar um outro comportamento, considerado não condizente com aquele esperado para a figura feminina daquela época. Dessa forma, Clara aparece representada por uma rebeldia, uma espécie de não conformismo com o seu destino de mulher casada e uma possível submissão às vontades do marido, que não estava disposto a realizar os gostos da esposa.

O território sertanejo passa a se constituir para Clara como um espaço de horrores propício às manifestações de seus ataques de desgostos. Em certo sentido, é um lugar que aparece para ela como uma prisão em que se vê obrigada a ficar, experienciando uma condição de vida penosa. Essa analogia com a prisão pode ser confirmada pelo fato de a mulher imaginar constantemente escapar daquele lugar. Na relação de Clara com Diogo há a representação de dominação do homem sobre a mulher, representada por uma personagem sem direitos. Através da narrativa percebemos que a personagem não tem espaço de diálogo com o esposo. O homem usa o poder e a força sobre a mulher para conseguir legitimar a sua vontade.

Quando analisamos os modos de ser da personagem Clara Joaquina no contexto da instituição familiar, observamos que ela não se enquadra também num perfil esperado de esposa e dona de casa, pois não sabia bordar, cozinhar, tocar piano e nem ler, mal assinava o próprio nome. A tarefa que mais gostava de realizar era de desenhar, e por meio desses desenhos ela passa a explicitar as mágoas e o ódio que sentia pelo marido, revelando mais um traço perturbador de sua identidade:

Clara Joaquina estava na mais completa solidão em que pode estar uma pessoa, a solidão seca, gélida e impenetrável de um lugar onde ninguém lhe dedica nenhum tipo de afeto. As figuras que passa a desenhar são cada vez mais horrendas, monstros que se enrolam, um no outro, trepam nas árvores, escondem-se atrás dos baús e têm, todos, a cara de Diogo Ambrósio. (SILVEIRA, 2002, p.168-169).

Os desenhos feitos por Clara podem caracterizar também uma fuga da realidade por ela vivida, a personagem sentia-se torturada, não sentia prazer em ter relação com o esposo, o que configura uma relação constituída por uma violência. Para Delmanto *et al* “o estupro é um crime, mesmo quando cometido pelo marido da vítima, portanto, em alguns casos a vítima não reconhece que sofre violência sexual” (1998, p.392). No desenvolvimento da história, esse tipo de comportamento passa a ser constante quando Diogo Ambrósio percebe que Clara Joaquina não quer ser mãe, evitando filhos. Com isso ele passa a encostá-la mais vezes na parede, fazendo assim com que ela engravide: “As encostadas na parede passaram a machucá-la muito, e como seus métodos de evitar filhos eram precários e nada científicos, essa foi mais uma batalha que perdeu” (SILVEIRA, 2002, p.169).

Clara Joaquina, nessa interpretação oriunda de uma sociedade patriarcal, não cumpre seu papel de mulher casada, principalmente pelo fato de rechaçar a maternidade. Para Perrot, a mulher “dependentemente sexualmente, está reduzida ao “dever conjugal” prescrito pelos confesores, e ao dever de maternidade, que completa sua feminilidade” (2008, p.47). Contudo, Clara, ao rejeitar a maternidade, transcende a condição normal de ser mãe.

“De qualquer maneira, ele tinha se casado pelas barras de ouro fino e pelos filhos que pensava ter. Era para isso que precisava de uma esposa, e ela apesar de sua irritante moleza, parecia saudável, pelo menos isso” (SILVEIRA, 2002, p.165-166). Note-se como, para o homem, a mulher deveria cumprir o seu papel de esposa, dando-lhe filhos. Mesmo que considere o casamento um fracasso, o homem deseja ser agraciado por uma prole, querendo a todo custo ser pai, por isso “decidiu que a deixaria na casa da fazenda para lhe fazer os filhos e cuidar deles. Essa seria a vida dessa pamonha de mulher e pronto” (SILVEIRA, 2002, p.166).

O pensamento do personagem masculino é semelhante àquele constatado por Cabral (1999), quando observa que nessa época a

existência do sexo feminino justificava-se por cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa e servir o chefe da família com seu sexo, dando-lhe filhos.

A violência sexual sofrida enfatiza ainda mais o desprezo da mulher pelo homem, até Clara se decidir pela vingança por meio da traição, “seus dias adquiriram uma excitação desconhecida enquanto se dedicava à preparação da almejada vingança por fim ao alcance de sua mão” (SILVEIRA, 2002, p. 171). A euforia que sentia pela descoberta de ferir o marido através da traição não deu espaço para Clara Joaquina imaginar que seria ela mesma a pagar pela vergonha do esposo. Pensava que sua honra seria lavada somente pelo sangue do homem e não pelo dela que o desonrou. “O final dessa história só poderia ser ela, mais do que ninguém, pagando pela desonra do marido” (SILVEIRA, 2002, p.173). Depois de matar o amante da esposa, Diogo Ambrósio mata Clara Joaquina, furando-a com uma faca em seu peito, ela ficou surpresa, mas se sentia vitoriosa por ferir a índole do marido.

Esse desfecho que culminou no feminicídio de Clara é o que vem acontecendo com muitas mulheres atualmente, por viverem submissas, diante do isolamento ou por possuírem desigualdade social e muitas vezes por não terem para onde ir acabam sofrendo diversos tipos de violência que por fim termina na morte de muitas mulheres.

Quando a mulher transgredia as regras que lhe era imposta, era vista como louca, rebelde e discriminada. Para explicar processo semelhante ao da personagem, Grossi (1998) e Portella (2000) observam que a violência doméstica que vitima a mulher apoia-se no modelo de relações de gênero, fundamentado em noções de honra e vergonha que era adotado em nosso país. Desse modo, quando o homem considera que a mulher não está cumprindo o seu papel de provedora, de boa mãe, de esposa fiel ou de boa dona-de-casa, por exemplo, surge uma insatisfação que possibilita o desencadeamento da violência.

Considerações finais

Com o presente trabalho, destacamos como a narrativa de Silveira mostra a forma que o sujeito masculino silencia as personagens femininas através de atitudes machistas que impõem a submissão da mulher e identificamos as relações de poder entre os gêneros. Na ficção de Silveira o patriarcalismo está presente como forma de denunciar os tipos de violências sofridas pelas personagens apresentadas nesse artigo. A violência psicológica e física que Ana de Pádua sofre nos faz refletir sobre

o silenciamento da mulher enquanto o homem toma posse do seu corpo. A autora nesse âmbito consegue envolver questões que inserem sobre o maltrato da mulher dentro do casamento que por medo de morrer aguenta todos os tipos de agressões, desta forma o homem torna a mulher inferior como podemos observar na citação: “Tornando-a, assim, inferior dentro da hierarquia familiar, sacrificando nesta perspectiva sua própria identidade, pois, de tanto ser obrigada ideologicamente a viver sob a máscara da aceitação dos valores hegemônicos, perdia-se de si mesma” (XAVIER, 1991, p.12).

A dominação masculina é notável no âmbito doméstico que, durante décadas marca seu sinal de machismo, essa marca foi identificada na violência sofrida por Clara Joaquina, quando ela sofre violência sexual para gerar filhos e é assassinada para manter a honra do marido. Percebemos os valores culturais que caracterizam a desigualdade de gênero e o direito negado da mulher ser dona das suas vontades e do seu corpo. Nesse sentido, predomina uma estética da irregularidade de igualdade entre os gêneros diante das práticas machistas pela questão da honra que muitas vezes culmina em feminicídio como aconteceu com a personagem Clara Joaquina.

Desse modo, apesar da atuação de muitas mulheres se mostrarem contra a visão patriarcal do homem e terem um pensamento insubmisso, muitas ainda se encontram submissas e no silenciamento por não poderem falar nada diante das agressões que sofrem. Assim, através do romance de Maria José Silveira, observamos que o assunto sobre a violência psicológica, sexual e física contra o sujeito feminino, que luta e sofre vários tipos de preconceitos, constrói através das personagens características que culminam em identidades que aparecem diante do contexto de opressão, silenciamento e violência.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CABRAL, Maria Aparecida Alves. Prevenção da violência conjugal contra a mulher. **Ciência & Saúde Coletiva**. São Paulo, v.4, n.1, p.183-91,1999.

CASIQUE, Leticia Casique. FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. **Violência contra a mulher: reflexões teóricas**. Ribeirão Preto, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 20 jan. 2019.

CORRÊA, Maria Suely Medeiros. **Violência de mulheres em condições de violência conjugal**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

DELMANTO, Celso; DELMANTO, Roberto; DELMANTO Júnior, Roberto; DELMANTO, Fabio M. de Almeida *et al.* Dos crimes contra a liberdade sexual. In: _____. **Código penal comentado**. 4.ed. Rio de Janeiro: Renovar, 1998.

GOMES, Carlos Magno. A estética da desregulação da violência doméstica em Marina Colasanti. **Interseções**. Rio de Janeiro, v. 21 n. 1, p. 147-162, 2019.

GOMES, Carlos Magno. Regulações do Estupro em Lya Luft e Patrícia Melo. **Estudos linguísticos e Literários**. Salvador. UFBA, n. 59, p. 76-93, 2018.

GROSSI, Miriam Pillar. Rimando amor e dor: reflexões sobre a violência no vínculo afetivo conjugal. In: Pedro, J. M.; GROSSI, M.P. (Orgs.) **Masculinidade, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Mulheres, 1998.

LOBO, Luiza. **Crítica sem Juízo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

MILL, John Stuart. **A Sujeição das Mulheres**. São Paulo: Escala. 2006.

PERROT, Michelle. **Minha História de Mulheres**. Tradução: Ângela M. S. Correa. São Paulo: Contexto, 2008.

PORTELLA, Ana Paula. Abordagem social sobre violência e saúde das mulheres. **Jornal Rede Saúde**. São Paulo, n. 22, 2000. Disponível em: http://www.redesaude.org.br/jornal/html/body_jr22-anapaula.html. Acesso em: 20 fev. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. Violência de gênero no Brasil contemporâneo. In: SAFFIOTI, Heleieth; MUNOZ-VARGAS, M.(Orgs). **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Unicef/Nipas, 1994.

SAFFIOTI, Heleieth. “Já se mete a colher em briga de marido e mulher”. **São Paulo em perspectiva**. São Paulo: Fundação SEADE, v. 13, n. 4, p. 82-91, 1999, Disponível em: <http://www.seade.gov.br>. Acesso em: 20 abr. 2019.

SILVEIRA, Maria José. **A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas**. São Paulo: Globo, 2002.

SOMMER, Doris. **Ficções de Fundação**: os romances nacionais da América Latina. Tradução Gláucia Renate Gonçalves & Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Santa Catarina: Mulheres, 2007.

XAVIER, Elódia. Reflexões sobre a narrativa feminina. In XAVIER, Elódia Carvalho Formiga (org.). **Tudo no feminino**: a presença da mulher na narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.